

## A HISTÓRIA DA CHARGE E SEU USO NO PÓS-64

**AVANÚZIA FERREIRA MATIAS**

UFC. E-mail: avatias@bol.com.br

**JANICLEIDE VIDAL MAIA**

UFC. E-mail: janicleidevidal@hotmail.com

### Introdução

A história de construção do gênero charge tem suas origens na França, vem da palavra *charger*, que significa carregar, exagerar, atacar violentamente, ou seja, a arte do exagero e/ou do ataque violento, numa menção à carga de cavalaria. Herdou suas características do jornalismo ilustrado nos séculos XVIII e XIX, e tem sua estrutura inveterada na iconografia da Idade Média e nos ofícios dos “ateliês” de pinturas dos séculos XV e XVI.

De acordo com Nery (2001), a charge foi criada de modo perspicaz e inesperado por “*ghettos*” opostos aos poderes partidários. Esses “*ghettos*” recebiam tratamento discriminatório por parte dos políticos, e, por isso, organizaram-se num verdadeiro grupo hegemônico de apelo às causas populares.

Segundo Teixeira (2001), o gênero charge, no Brasil, tem uma longa trajetória de desenvolvimento e três momentos de amadurecimento. Esse processo começa com a chegada de imigrantes europeus – pintores e desenhistas – ao Rio de Janeiro durante o século XIX. Na referida época, as charges eram uma reprodução fiel de personalidades da sociedade imperial, e a caricatura ainda não havia sido incorporada ao texto chárgico. De acordo com Herman Lima, 1963 (apud TEIXEIRA, 2001), foi Manuel de Araújo Porto Alegre (escritor, poeta, professor da Academia de Belas Artes e primeiro caricaturista brasileiro) quem criou, entre 1837 e 1839, as primeiras pranchas avulsas em que se utilizava de caricaturas para representar políticos com os quais não concordava.

Consoante Teixeira (2001), a revista *Lanterna Mágica*, criada por Manuel de Araújo Porto Alegre, foi a precursora do humor político na imprensa brasileira. Embora as revistas ilustradas originárias dessa época veiculassem a informação utilizando-se de discursos satíricos, a sátira apresentada por estes meios de comunicação ainda não tinha as características da charge. O certo é que já se usava o discurso gráfico – articulado por imagens – associado ao texto verbal, como um suporte para narrar os fatos que despertavam interesse à sociedade.

### **A lenta transformação do gênero**

O primeiro momento de amadurecimento da charge acontece no início da segunda metade do século XIX, quando os recursos comunicativos – o discurso gráfico associado por imagens que têm o texto verbal como suporte narrativo – equilibram a linguagem e seu traço. Nesta ocasião, o gênero charge se fortalece por dois motivos: 1. elege a política como objeto privilegiado para a expressão de sua forma e manifestação de seu conteúdo e 2. em consequência, a eficácia de seu discurso está ligada à sociedade na qual se insere (TEIXEIRA, 2001, p. 9).

Henrique Fleiuss – imigrante alemão, formado em Belas Artes na Alemanha, com substancial formação acadêmica e cultural – ao chegar ao Brasil, junto com imigrantes da corte portuguesa, cria uma tipografia, que D. Pedro II transforma em Instituto Artístico Imperial. Irrefutavelmente, a sátira política criada neste órgão só fazia críticas a quem se opunha ao poder instituído. É evidente que o alemão foi alvo de duras críticas dos demais chargistas que começaram a desenvolver o mesmo tipo de texto na época, principalmente de Ângelo Agostini – artista italiano, caricaturista, ilustrador, desenhista, crítico de arte e pintor – a quem se atribui a fama de exercer forte influência na formação da opinião pública durante a segunda metade do século XIX.

Ao fundar a *Revista Ilustrada*, em 1876, Ângelo Agostini revela a realidade por meio de caricaturas de si próprio, representadas por personagens fictícios que satirizavam os problemas da cidade. O mesmo recurso foi utilizado pelo artista em 1895, na *Revista Dom Quixote*, criada também por ele (TEIXEIRA, op. cit.).

Ângelo Agostini, primeiro chargista a carregar a charge de crítica e conteúdo ideológico, transformou-a em um texto quadri-nizado, ou seja, sistematizou essas narrativas permanentemente sequenciadas, sincronizadas no tempo e ordenadas no espaço, entretanto não se confundia com história em quadrinho por ter conteúdo essencialmente político focado na observação crítica do real.

Mesmo retratando os acontecimentos brasileiros, as charges dessa época eram produzidas sob influência do traço europeu, no dizer de Teixeira (2001), elitista, formal, detalhista e socialmente seletiva, isto porque seus idealizadores eram todos de origem europeia e burguesa.

Ainda de acordo com Teixeira (op. cit.), nos últimos anos da Monarquia acontece o segundo momento de desenvolvimento da charge no Brasil. Nesta ocasião, o gênero caracteriza-se por apresentar uma forte oposição à política imperial, utilizando-se de elementos de humor associados à crítica política. As charges da época retratavam com desdém as crises institucionais da segunda metade do século XIX. A *Revista Ilustrada* é considerada a mais popular da Monarquia, e Ângelo Agostini, com seu traço pessoal, soube atacar a sociedade aristocrática utilizando a temática dos dois principais impasses que preocupavam o poderio da época: a abolição da escravatura e a proclamação da República. Com isso, Agostini tornou-se o primeiro chargista a explorar um projeto de mudança estrutural da sociedade, enquanto concede à charge a função crítica e o conteúdo ideológico, cujo objetivo principal não é fazer rir, e sim fazer refletir. Apesar do grande sucesso das criações de Agostini, suas charges eram ilustradas somente na cor preta, e a caricatura era marcada apenas por traços macrocéfalos. Em 1867, porém, a

Revista *Ba-Ta-Clan* já havia inserido cor às charges. Neste mesmo ano, Agostini, agora na Revista *A Vida Fluminense*, passa a produzir charges coloridas.

Com a derrota da Monarquia e com o início de uma nova forma de governo que, conseqüentemente, deu início ao despotismo da ditadura, as revistas ilustradas foram extintas. As poucas que permaneceram circulando, apenas três, eram monopolizadas pelos marechais que dominavam a política da época.

Somente a partir de 1894, com os governos civis de Prudente de Moraes e Campos Sales, as revistas ilustradas voltam a circular e a utilizar charges para fazer críticas de forma irreverente, satírica e humorística.

Durante o período dos governos civis acontece o segundo período de amadurecimento da charge. Julião Machado, chargista português, mesmo sem ter a perspicácia política de Ângelo Agostini, consegue marcar a transição do traço da charge. Em 1895, na Revista *A Notícia Ilustrada*, ele publica inúmeras charges quadrinizadas, genuínas histórias em quadrinhos, como era comum nesse período de amadurecimento da charge. Na Revista *A Bruxa*, experimentam-se novas técnicas de impressão gráfica. Introduzem-se vinhetas na Revista *A Notícia Ilustrada*, retomando um trabalho modernizador iniciado nas revistas *O Mosquito* e *O Besouro*. Também experimenta-se a impressão colorida nas revistas *A Cigarra* e *A Bruxa*. Em ambas percebe-se a originalidade gráfica associada ao perfeito uso da cromática.

Em 1896, Julião inicia a publicação de charges em jornais, em uma coluna intitulada “caricaturas instantâneas”, criada para o Jornal *Gazeta de Notícias*, conservando “esse lugar privilegiado para a crítica e o humor político que a charge ocupa a partir de então” (TEIXEIRA, 2001, p. 30).

A charge acompanha os modismos da *Belle Époque* e seu desenvolvimento apresenta-se com traço e conteúdo temático modificados. Agora os chargistas criam personagens fictícios com a fina-

lidade de fazer piada de salão, cujo humor é passageiro e a graça é efêmera. Contudo, é esse tom descomprometido da charge que inicia a mudança na estrutura da charge, antes verborreia, agora sintética verbalmente, o que representa um traço da sua modernidade.

Nos primeiros anos do século XX, a charge começa a criar personagens que não ultrapassam o limite da racionalidade que, até então, limitava sua possibilidade de expressão. Foi, em princípio, com o personagem Zé Povo e, posteriormente, com o Jeca Tatu que a charge começou a expressar criatividade e manifestar a crítica a costumes, livrando-se do ranço europeu e elitista que a caracterizou durante o período monárquico.

Com a introdução da fotografia e da fotogravura nas revistas, em 1900, a charge começa a perder espaço – e, com o decorrer dos anos, passa a ter a função principal de divertir e secundariamente de informar. A partir de 1910, a charge também começa a perder o lugar privilegiado que tinha nos jornais diários.

Segundo Teixeira (2001), José Carlos de Brito e Cunha ou apenas J. Carlos – mais talentoso chargista do início do século XX – é o grande responsável pelo terceiro momento de amadurecimento da charge no Brasil. J. Carlos cria inúmeros tipos fictícios e transforma o traço acadêmico, visto durante a Monarquia, no traço inovador que começa a desenvolver durante a República Velha, utilizando-se de técnica original e criatividade inesgotável. O chargista, além de charges, faz caricaturas e ilustrações, é notório o seu talento para criar tipos fictícios, é o primeiro a distorcer e inventar formas, ignorando os limites da anatomia do homem. Infelizmente o artista não consegue produzir charges realistas como no período monárquico, pois se prende muito ao mundo fantástico, por isso não consegue vislumbrar a crítica, por mostrar-se não inclinado às polêmicas políticas.

Neste momento, a charge encontra-se em um processo de despolitização, iniciado a partir da implantação do governo republicano. O texto verbal é o principal elemento para dar sentido ao

gênero, e, aos poucos, este vai se tornando mais curto e rápido. Explorando apenas o humor, o gênero esvai toda a carga crítica que possuía antes, evita a agressividade e, por vezes, reforça apoio a certos políticos. Essa característica volúvel da charge em relação a sua função conserva-se até a década de 30.

Com a chegada do paraguaio Andrés Guevara ao Brasil, na década de 1930, a charge passa por seu quarto e último momento de amadurecimento, passando a ser, prioritária e definitivamente, instrumento de crítica política. É nesse momento que a charge passa a falar com a imagem e liberta-se totalmente da grande quantidade de texto verbal.

Agora a charge é capaz de falar por si só, a imagem é o texto, que reflete sobre tudo o que acontece na sociedade. Neste período de firmamento, o gênero, por meio da imagem, “rompe com a razão que limitava suas possibilidades expressivas” (TEIXEIRA, 2001, p. 48).

O terceiro momento de desenvolvimento da charge ocorre quando o país encontra-se em um momento de crise, com economia frágil e dependente, baseada apenas na exportação do café. Nesse momento também tem início uma progressiva industrialização, e novos políticos começam a aparecer no cenário nacional para desestabilizar o controle exclusivo que a elite oligarca mantinha sobre o Estado. Nesta conjuntura, “Guevara prepara a charge para entrar na modernidade, possibilitando o salto qualitativo em direção à contundência e autonomia de seu traço, superando os limites de forma e de conteúdo que a mantinham presa ao passado” (TEIXEIRA, 2001, p. 51). Guevara revolucionou a estrutura narrativa da charge: reduziu o texto verbal e o aproximou da oralidade, ultrapassou o limite da razão, explorando inúmeras possibilidades de representações imagéticas através das inovações do grafismo. Aos poucos, a charge ganha independência para discutir sobre a realidade, sobretudo de forma agressiva e com oposição de conteúdo, e não se sujeitando à racionalidade das palavras nem presa a elas.

Guevara conseguiu, definitivamente, libertar a charge do estigma de semelhança, dando a cada leitor a possibilidade de construir diferentes significados para uma única charge. Recorre-se constantemente à caricatura para criar personagens diferentes do sujeito real. Passa-se a utilizar a semelhança para mostrar o que se vê, no mesmo instante em que usa a diferença para aprofundar o que não se vê.

O gênero charge atualmente é publicado em jornais e em algumas revistas de grande circulação em todo o Brasil, na sessão de opinião, exatamente por se tratar de um texto de opinião; entretanto, está se tornando cada vez mais comum encontrar charges na internet – em *sites* que divulgam o gênero – seja reproduzindo as mesmas charges publicadas no jornal impresso, seja criando novas charges, algumas, inclusive, com animação.

O que podemos perceber concretamente é que a charge é o resultado de um longo processo de amadurecimento da forma e do conteúdo do gênero, já que antes a identidade do sujeito era construída por uma relação de semelhança entre a identidade do sujeito e seu personagem, característica ainda mantida pela caricatura, enquanto a charge, antagonica, intensifica seu traço e expõe sua verdade para que o leitor construa sentido nas representações das ações do sujeito real através de um personagem diferente dele, mas que com ele se identifica.

### **Características da charge**

O principal propósito da charge é apresentar criticamente um problema, um fato ou um acontecimento que possa interessar à sociedade na qual se insere. Quase sempre recria, através de caricaturas, a imagem de pessoas públicas envolvidas em eventos capazes de gerar polêmica. Para que essa leitura seja dinâmica, o texto chárstico tem como meta satirizar, muitas vezes associando o humor satírico ao deboche e à ironia. Dessa forma instiga o pensa-

mento crítico do leitor, levando-o a se posicionar, mesmo de forma imperceptível, diante do texto.

Para Fonseca (1999, p. 26), a principal característica do gênero é “satirizar um fato específico, tal como uma ideia, um acontecimento, uma situação ou pessoa, em geral de caráter político, que seja de conhecimento público”.

Normalmente as charges publicadas em jornais utilizam um único quadro, no entanto, há casos em que o chargista divide o espaço em duas ou mais imagens para sequenciar um conjunto de ações. A grande maioria das charges jornalísticas utiliza o texto verbal associado à imagem, contudo, algumas exploram apenas imagem.

A charge apresenta identidade por diferença, sentido, agressividade na forma e delírio no conteúdo. É por meio da diferença que se produz o outro do sujeito no personagem, este é um modo imaginário de ser do sujeito que não está explícito em situação real. Sujeito e personagem diferenciam-se por haver uma ruptura com o real e com a razão, num distanciamento que vai além do bom-senso e além do senso comum, ou seja, o sujeito é diferente do personagem porque este torna visível, através do sentido, uma verdade que a razão oculta.

Na charge, o sentido dramatiza as ações reais do sujeito para denunciar relações desse sujeito com a realidade, por isso o significado de um ato não está nele mesmo, mas no que ele esconde, além do que a razão determina como real, porque é no não-senso que o chargista produz sentido e apresenta uma crítica à realidade, já que interpreta e expressa um ponto de vista por meio de uma consciência. Segundo Teixeira (2005, p.80), “para desvendar o sentido a partir do que a razão nega e a realidade oculta, a charge produz uma ruptura a partir da qual uma nova verdade vem à tona sem qualquer vínculo de racionalidade.” Esta não é uma verdade separada do real, mas uma verdade cuja condição de existência não depende do real, pois, embora remeta a uma situação que realmente existe, não se ajusta a ela como condição para criar seu discurso.

Como o chargista inspira-se na política para construir suas críticas, ele reproduz esse universo com agressividade, pois esta é a fonte de onde nasce seu humor em forma de discurso para expressar o que não se pode dizer com palavras. Por isso a agressividade é funcional, porque por meio dela a sociedade pode dizer e concordar com verdades não ditas em outras formas de discurso público. A agressividade da charge também é uma estratégia de estímulo para o leitor, pois o incita a se conscientizar, a se posicionar e a assumir uma atitude crítica diante do texto.

O delírio no conteúdo do texto chárstico é uma forma de tornar transparente o desejo do sujeito. Para Teixeira (2005, p. 90), o desafio consiste em “pensar o impensável e dizer o indizível a respeito de sujeitos reais”. O delírio na charge é uma estratégia para denunciar a banalidade dos costumes e a fragilidade da condição humana; é uma forma de apropriar-se da realidade para expressá-la, por meio de estratégias humorísticas, de forma convincentemente irreal.

Apesar de ser um gênero que utiliza poucas palavras ou nenhuma palavra, já que um dos seus traços é condensar o maior número de informações sobre um determinado assunto, tem o propósito de estabelecer uma relação discursiva entre o chargista e o leitor; e todas as informações presentes na charge apresentam uma relação intertextual e polifônica com outros textos, estes têm a função de fornecer informações colaboradoras para o entendimento do assunto tratado.

A charge, de fato, propõe uma crítica e, por meio de todos os recursos de que se utiliza hoje, associados à liberdade de expressão, tenta ser fiel aos seguintes propósitos, citados por Teixeira (2005, p. 74): reproduzir a realidade independentemente da razão; produzir uma verdade independentemente da realidade; incorporar o humor como linguagem que produza uma verdade cujo sentido está fora da realidade e além da razão. Para o autor (ibidem), a charge incorpora humor a conteúdos de verdade além da realidade, com veracidade e verossimilhança, porém sem razão.



### Charges publicadas no Pós-64

Charge de Henfil no período das Diretas Já. Disponível em <http://zonacurva.com.br/henfil-e-diretas-ja/>. Acesso em 26/04/2014.

A charge acima, do cartunista Henfil, retrata um período em que os brasileiros realizavam comícios em uma campanha denominada *Diretas Já*, cuja

finalidade era protestar para acabar de vez com as eleições indiretas, em que os detentores do poder escolhiam os governantes do país. O povo queria ter o direito de escolher seus representantes por meio de eleições diretas, fato que só aconteceu em meados de 1984.

Durante a campanha, muitos comícios foram organizados por todo o país com o objetivo de conseguir o maior número de adeptos possível para lutar em favor das eleições diretas. Muitos políticos e intelectuais deram força ao movimento, garantindo que, mesmo com repressão, o movimento ganhasse força e agregasse diversos setores da sociedade, inclusive militares insatisfeitos, que pressionavam seus comandantes. O resultado da campanha foi o retorno do poder civil em 1985, a aprovação da Constituição Federal de 1988 e a realização das eleições diretas para Presidente da República em 1989.



Charge do dia 19 de outubro de 1977 (ISTOÉ, nº 43, p. 82)

A charge *Catavento II (Final)*, publicada por Henfil em 1977 na revista *ISTO É*, critica a entrada do capital estrangeiro em nosso país por meio das inúmeras multinacionais que aqui se instalaram, isso provocou o aumento da dívida externa do Brasil, além de fortalecer a dependência do nosso país ao capital estrangeiro.

Na charge, um homem de terno (representando as multinacionais) apresenta a um cidadão brasileiro uma cobrança correspondente à taxa de utilização do vento. Essa charge representa o aumento do domínio das empresas estrangeiras em nosso território. O plano era dar suporte financeiro às empresas brasileiras sob a forma de empréstimos, o que resultou no aumento da dívida, tanto pública quanto privada. O *catavento* representa uma crítica ao ufanismo divulgado em algumas campanhas, cujo marco se deu na década de 70, quando o governo militar divulga o *slogan* “O Brasil é feito por nós”. A incoerência da campanha se comprova com essa enxurrada de capital e empresas estrangeiras em nosso país (ação dos ventos), contrariando o que se afirma no *slogan* e comprovando a instabilidade financeira do Brasil.

## Conclusão

A partir das leituras e das observações que temos feito em relação ao posicionamento dos leitores diante de textos chárgicos, entendemos que a charge constrói-se por meio da intertextualidade entre os diversos acontecimentos e faz uso do sistema de linguagem verbal e não-verbal para recriar a realidade sempre de forma humorística, crítica e satírica, muitas vezes também irônica.

A charge, através dos recursos pictóricos, permite ao leitor realizar uma leitura rápida e interpretar as informações a partir de diferentes conhecimentos. O gênero vincula-se à realidade, contudo faz críticas e às vezes provoca o riso em quem o lê.

Em seu aspecto discursivo, a charge representa, em uma única imagem, a narração de um fato, a descrição de um problema e uma opinião satírica sobre a temática, o que nos faz presumir que o leitor é encarregado de relacionar a temática abordada ao fato que a originou e deduzir o motivo da crítica. Se isto não acontecer, certamente a compreensão do texto se distanciará da real proposta do enunciador.

## Referências bibliográficas

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo, Edusp, 2009.

FONSECA, J. da. **Caricatura**: a imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Editora Artes e Ofício, 1999.

NERY, L. Charge: cartilha do mundo imediato. **Revista Semear**, Rio de Janeiro, RJ, vol. 7, (2001). Disponível em [http://www.letras.puc-rio.br/Catedra/revista/7Sem\\_10.html](http://www.letras.puc-rio.br/Catedra/revista/7Sem_10.html). Acesso em 03 de fevereiro de 2010.

ROMUALDO, E. C. **Charge jornalística**: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da Folha de São Paulo. Maringá: Eduem, 2000.

TEIXEIRA, L. G. S. **O traço como texto**: a história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2001.

\_\_\_\_\_. **Sentidos do humor, trapanças da razão**: a charge. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2005.

TRAVAGLIA, L. C. Uma introdução ao estudo do humor pela Linguística. **D.E.L.T.A.**, Vol. 6, nº 1, p. 55 -82, 1990.

VAL, M. da G. C. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VASCONCELOS, V. A. de F. **A Polifonia nas charges de Oldack Esteves**: Carnavalização, transtextualidade, transgressão. 194p. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.